



REVEXT

Revista de Extensão da Uneval

ISSN 2447-2751

eduneal

ABEU

Associação Brasileira  
das Editoras Universitárias

Ano 3, Vol. 3, 2017 – Arapiraca – Alagoas:Eduneal, 2017

## **AVALIAÇÃO NO CICLO DE ALFABETIZAÇÃO E OS INGRESSANTES NO 3º ANO COM DÉFICIT DE APRENDIZAGEM**

**Ângela Maria Marques  
Lidiane da Silva Oliveira  
Lisiane da Silva Oliveira**

**Universidade Estadual de Alagoas – UNEAL**  
lidianeleedy@hotmail.com

**Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Alagoas - IFAL**  
lisiannelis2008@hotmail.com

**Universidade Estadual de Alagoas – UNEAL**  
angelammarque@gmail.com

---

### **Resumo**

A avaliação da aprendizagem no ensino em ciclos necessita ser uma prática de ação-reflexão-ação por parte do professor, devendo a avaliação ser processual e formativa. Uma vez que, o ensino em ciclos tem uma proposta de ensino que assegura a continuidade do processo educativo, com uma concepção de desenvolvimento e aprendizagem no respeito às diferenças de ritmos e das características socioculturais dos alunos, por perceber que cada criança tem seu tempo e seu modo de aprender. Nesse contexto, o presente trabalho foi desenvolvido a partir do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID) <sup>1</sup>, através do subprojeto *Novo Paradigma na Formação de Professores da Educação Infantil e Anos Iniciais do Ensino Fundamental: uma questão metodológica*, em turmas de 3º ano de uma escola de ensino fundamental no município de Arapiraca/AL, onde constatamos déficit de aprendizagem dos alunos. Assim, o objetivo do trabalho foi investigar a avaliação da aprendizagem no ciclo de alfabetização e a relação sobre alunos que chegam ao 3º ano com déficit de aprendizagem. A metodologia utilizada foi pesquisa de campo, sendo usados como instrumentos de coleta de dados uma entrevista semiestruturada com duas docentes do 3º ano e outra com uma coordenadora, todas da referida escola. Para fundamentar o trabalho utilizamos, entre outros teóricos, Mainardes (2009) e Souza (2014). Com a pesquisa constatou-se que a relação entre a avaliação da aprendizagem no ciclo de alfabetização e o déficit de aprendizagem dos alunos ao ingressarem no 3º ano deve-se, entre outros fatores, ao fato de alguns professores não seguirem a avaliação formativa ou, mesmo a seguindo, a fatores externos que a dificultam. Assim, não basta que a avaliação e a ideia sejam boas se não houverem práticas efetivas de apoio à escola e aos professores que possibilitem que os objetivos do ciclo de alfabetização sejam alcançados.

**Palavras-chave:** Ensino em Ciclos. Processo Educativo. Alunos. Características.

---

<sup>1</sup> Programa que tem como objetivo proporcionar a imersão do estudante de licenciatura nas atividades de docência; promoção e troca de experiências no processo de contato sistemático com práticas profissionais reais nos contextos das escolas públicas.

## Abstract

The evaluation of learning in cycles education needs to be an action-reflection-action practice on the part of the teacher, and the evaluation must be procedural and formative. Since cycle education has a teaching proposal that ensures the continuity of the educational process, with a conception of development and learning respecting the differences of rhythms and socio-cultural characteristics of the students, since each child has his time and Their way of learning. In this context, the present work was developed from the Institutional Program of Initiatives for Teaching (PIBID) <sup>1</sup>, through the subproject *New Paradigm in the Education of Teachers of Early Childhood Education and Initial Years of Elementary School: a methodological question*, in classes of 3rd year of a primary school in the municipality of Arapiraca / AL, where we found students' learning deficits. Thus, the objective of this study was to investigate the evaluation of learning in the literacy cycle and the relation about students who reach the 3rd year with learning deficit. The methodology used was field research, being used as instruments of data collection a semi-structured interview with two teachers of the 3rd year and another with a coordinator, all of said school. To base the work we use, among other theorists, Mainardes (2009) and Souza (2014). The research found that the relationship between the evaluation of learning in the literacy cycle and the learning deficit of students entering the third year is due, among other factors, to the fact that some teachers do not follow the formative assessment or, even following it, to external factors that hinder it. Thus, not enough for the evaluation and idea to be good if there are no effective school and teacher support practices that enable the objectives of the literacy cycle to be achieved.

**Key words:** Teaching in Cycles. Educational Process. Students. Characteristics.

## Introdução

A organização do ensino em ciclos tem uma proposta de ensino que assegura a continuidade do processo educativo, com uma concepção de desenvolvimento e aprendizagem no respeito às diferenças de ritmos e das características socioculturais dos alunos, por perceber que cada criança tem seu tempo e seu modo de aprender, e por compreender que o aprendizado não é linear devendo-se respeitar o ritmo de cada um. Essa forma de ensino em ciclos foi criada com o intuito de solucionar um dos problemas mais sérios da educação, a reprovação e a evasão escolar, e também para evitar as frequentes rupturas e a excessiva fragmentação durante o processo educativo.

---

<sup>1</sup> Program that has as objective provide immersion of the undergraduate student in teaching activities; promotion and exchange of experiences in the process of systematic contact with real professional practices in the contexts of public schools.

Nesta perspectiva, Mainardes (2009, p. 7), destaca que “muitos educadores, pesquisadores e gestores educacionais acreditam que os ciclos podem tornar a escola mais inclusiva e democrática, uma vez que esta política aposta na continuidade do aprendizado em vez da reprovação”. Isto é, essa política educacional surgiu com a proposta de romper/superar a escola seriada por ser seletiva e excludente.

Deste modo, a avaliação nessa nova concepção do ensino em ciclos é vista como uma ferramenta pedagógica a favor do processo ensino-aprendizagem, necessitando uma prática de ação-reflexão-ação por parte do professor com vistas ao alcance da aprendizagem pelo aluno. Assim, ela necessita ser contínua e cumulativa, isto é, processual, e não apenas como um fim em si mesma.

Esta pesquisa é produto da experiência como bolsista do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID), em duas turmas consecutivas de 3º ano de uma escola no município de Arapiraca/AL, que tem como forma de organização o ensino em ciclos nos três primeiros anos iniciais do Ensino Fundamental, o chamado ciclo de alfabetização.

Tivemos então como objetivo para esse trabalho investigar a avaliação da aprendizagem na organização do ensino em ciclos, mais especificamente no ciclo de alfabetização, e a relação sobre os alunos que chegam ao 3º ano com déficit de aprendizagem, em uma escola no município de Arapiraca/AL.

Para o desenvolvimento deste trabalho, de cunho qualitativo, foi realizada uma pesquisa de campo, que se deu através de uma entrevista semiestruturada com duas professoras do 3º ano dos anos iniciais e com uma coordenadora, todas da referida escola. E, para fundamentar o trabalho utilizamos, entre outros teóricos, Mainardes (2009) e Souza (2014).

O presente trabalho está organizado em três seções. Na primeira seção falaremos da organização do ensino sob a perspectiva dos ciclos, apresentando a historicidade sobre a origem da organização do ensino em ciclos, o que vem a ser o ensino por ciclos e os objetivos de sua implementação.

Na segunda seção trataremos da concepção e prática de avaliação presente no ensino em ciclos e a relação sobre a aprendizagem dos educandos, enfatizando como o professor deve se utilizar dessa avaliação para alcançar os objetivos de aprendizagem pretendidos.

Na última seção, falaremos do ciclo de alfabetização, no âmbito da avaliação, e a relação sobre os alunos que chegam ao 3º ano com déficit de aprendizagem, em uma escola no município de Arapiraca/AL, onde se encontra a análise dos dados das entrevistas realizadas com duas professoras e uma coordenadora, todas da referida escola.

Constatou-se que a relação entre a avaliação da aprendizagem no ensino em ciclos e o déficit de aprendizagem dos alunos ao ingressarem no 3º ano deve-se, entre outros fatores, ao fato de alguns professores não seguirem a avaliação formativa ou, mesmo a seguindo, a fatores externos que a dificultam como, por exemplo, salas superlotadas e a própria heterogeneidade na sala de aula.

Por fim, na conclusão, vimos que em virtude de essa forma de avaliação (formativa) ser mais complexa e flexível, exige mais trabalho e cuidado por parte do docente e, por tanto, não basta que a avaliação e a ideia sejam boas se não houverem práticas efetivas de apoio à escola e aos professores que possibilitem que os objetivos do ciclo de alfabetização sejam alcançados

### **A organização do ensino sob a perspectiva dos ciclos**

A organização do ensino em ciclos foi criada com o intuito de solucionar um dos problemas mais sérios da educação, a reprovação e a evasão escolar, e também para evitar as frequentes rupturas e a excessiva fragmentação durante o processo educativo. Assegurando desse modo, a continuidade do processo formativo, por perceber que cada criança tem seu tempo e seu modo de aprender, e por compreender que o aprendizado não é linear devendo-se respeitar o ritmo de cada um.

Nesta perspectiva, Mainardes (2009, p. 7), destaca que “muitos educadores, pesquisadores e gestores educacionais acreditam que os ciclos podem tornar a escola mais inclusiva e democrática, uma vez que esta política aposta na continuidade do aprendizado em vez da reprovação”. Isto é, essa política educacional surgiu com a proposta de romper/superar a escola seriada por ser seletiva e excludente.

Assim, tomando como base essa contraposição entre as duas formas de organização do ensino, segundo Souza (2014) observando a trajetória da escola seriada percebe-se que o desenvolvimento social, mental e o tempo de aprendizagem dos alunos é totalmente ignorado, tendo uma compreensão que todos devem aprender juntos no mesmo período de tempo. A aprovação para a próxima série é somente baseada no rendimento escolar, em que os conteúdos trabalhados em uma série são considerados pré-requisitos para a próxima.

Em outras palavras, se o aluno não apresentar domínio em um percentual mínimo de conteúdos o mesmo é reprovado devendo no ano seguinte rever novamente todos os conteúdos inclusive os que ele já domina bem. É a partir desse processo rígido e incompreensível que é gerado nos alunos a baixa estima, insegurança, desinteresse nos estudos, indisciplina entre outras frustrações.

Ainda no que se refere a escola seriada, Boas (2013) afirma que no ensino seriado todos os alunos da mesma série são avaliados da mesma forma, tendo escolas que promovem a semana de provas onde as avaliações são aplicadas no mesmo horário a todos os alunos para facilitar o trabalho dos professores.

Já no que compete a organização da escola em ciclos, segundo essa mesma autora, essa forma de ensino sugere uma estratégia diferente ao trabalho escolar e coloca que os ciclos não é um simples agrupamento de anos ou séries. Para a mesma os ciclos possibilitam uma organização escolar mais flexível valorizando a conquista das aprendizagens pelos alunos em uma nova compreensão do tempo e do espaço escolar.

No que diz respeito ao surgimento dessa forma de organização de ensino no país e, o motivo pelo qual foi criado, segundo Silva (2014, p. 588):

A organização curricular em ciclos teve início no cenário brasileiro a partir das décadas de 1960 e 1970 e se intensificou nos anos 1980 no Ensino Fundamental I. Só no decorrer dos anos 1990 que os ciclos foram utilizados também no Ensino Fundamental II. Tal organização curricular emergiu da necessidade de diminuir as altas taxas de repetência nas escolas públicas, na tentativa de amenizar o fracasso escolar, como forma de superar a escola seriada.

Diante do exposto, observa-se que não é recente a discussão a respeito das altas taxas de reprovação no Brasil, com o intuito de mudar esse quadro e, como já mencionado o ensino em ciclos se intensificou a partir dos anos 80 no país e se expandiu nos anos 90 com diferentes modalidades.

Ainda sobre a organização do ensino, de como o mesmo poderá ser organizado, a nova LDB 9394/96, em seu artigo 23, da autonomia aos Estados, Municípios e escolas ao dizer que:

A educação básica poderá organizar-se em séries anuais, períodos semestrais, ciclos, alternância regular de períodos de estudos, grupos não-seriados, com base na idade, na competência e em outros critérios, ou por forma diversa de organização, sempre que o interesse do processo de aprendizagem assim o recomendar (BRASIL, 1996, p. 7).

Assim sendo, os Estados, os Municípios e as escolas diante de suas especificidades, tendo como objetivo maior o processo ensino-aprendizagem dos discentes, eles têm autonomia para se organizarem conforme for melhor para cada um.

Neste sentido, a organização do ensino em ciclos tem dentre os seus objetivos (concepção) redirecionar as concepções das práticas pedagógicas tradicionalmente dominantes da escola, no qual

permite aos sujeitos envolvidos no processo educacional a análise e a reflexão crítica sobre a realidade e o trabalho pedagógico.

### **A concepção e prática de avaliação presente no ensino em ciclos e a relação sobre a aprendizagem dos alunos**

A partir das considerações feitas a respeito dos elementos (aspectos) que devem ser analisados e reformulados no ensino em ciclos tendo em vista atingir seus objetivos e, portanto, romper com o ensino classificatório e excludente da escola seriada, dentre todas as práticas e rotinas escolares a mudança mais relevante que aconteceu com a sua implementação foi na concepção e prática de avaliação da aprendizagem, em que o aluno passou a ser avaliado de modo a privilegiar os aspectos qualitativos sobre os quantitativos, respeitando as especificidades do mesmo, enfatizando assim, sua dimensão formativa.

Desse modo, podemos observar que a concepção e prática de avaliação da aprendizagem na organização do ensino em ciclos está em conformidade com o que diz a Lei de Diretrizes e Bases 9.394/96, em seu art. 24, inciso v, alínea “a” que ao tratar da verificação do rendimento escolar estabelece como critério “Avaliação contínua e acumulativa do desempenho do aluno, com prevalência dos aspectos qualitativos sobre os quantitativos e dos resultados ao longo do período sobre os de eventuais provas finais” (BRASIL, 1996, p. 8).

Ainda nesta perspectiva, Marinardes (2009, p. 68) nos fala que “a avaliação classificatória é substituída por modelos de avaliação que evidenciam o seu caráter diagnóstico, contínuo e formativo”. Isto é, ele nos fala de outras possibilidades de avaliação por meio dos vários instrumentos avaliativos disponíveis.

Como já mencionado, no que diz respeito a essa nova organização de ensino a mudança mais visível foi com relação a avaliação da aprendizagem, pois, o trabalho pedagógico passou a ser uma prática diária de investigação e verificação do desenvolvimento das competências e habilidades dos alunos. Através da observação sistemática, análise e da reflexão crítica sobre a realidade dos sujeitos envolvidos no processo ensino-aprendizagem.

Nesta perspectiva, Mainardes (2009, p. 77), afirma que:

[...] a implementação de políticas de ciclos tem sido uma das principais responsáveis pela efetivação de mudanças na prática da avaliação, uma vez que tal política pressupõe uma ruptura com a avaliação classificatória [...]. A escola em ciclos propõe que sejam abandonadas práticas como a atribuição de notas e o uso de provas e exames como critérios para aprovação ou reprovação dos alunos. De modo geral, a política de ciclos fundamenta-se nos princípios da avaliação

formativa, da avaliação emancipatória ou em outros modelos de avaliação, nos quais a preocupação é garantir a melhoria da aprendizagem. Em termos práticos, esses modelos recomendam a utilização das informações obtidas por meio da avaliação para reorientar o processo de ensino/aprendizagem, objetivando garantir a progressão contínua da aprendizagem dos alunos dentro do ciclo.

Ou seja, o ensino em ciclos tem por finalidade propiciar mudanças nas práticas classificatórias de avaliação da aprendizagem realizadas por algumas escolas e professores. Na escola ciclada é sugerido que os docentes utilizem outras modalidades de avaliação como por exemplo a avaliação formativa, que garantam a aprendizagem dos alunos, pois, os professores devem considerar o processo avaliativo como um feedback para o desenvolvimento do seu trabalho em sala de aula e não usar a avaliação apenas para aprovar ou reprovar os alunos.

Uma vez que, a partir desse feedback permitirá a eles refletirem sobre suas práticas pedagógicas e se os objetivos pretendidos estão sendo alcançados ou não, assim, dependendo dos resultados dessa reflexão o mesmo poderá aplicar novas estratégias de ensino que sejam capazes de promover a efetivação da aprendizagem.

Entretanto, mesmo com essas novas políticas públicas educacionais criadas para que as redes de ensino coloquem em prática junto as escolas, muitos professores ainda continuam com práticas pedagógicas e avaliativas arcaicas, isto é, usam-se das ferramentas avaliativas para apenas classificar ou reprovar os alunos, transformando assim, exames e provas como a única ferramenta capaz de medir os conhecimentos adquiridos pelos mesmos. Causando dessa forma a exclusão do processo ensino-aprendizagem, pois alguns professores não buscam avaliar o desenvolvimento integral dos discentes como um todo, ou seja, os aspectos qualitativos não se sobressaem aos aspectos quantitativos.

Sendo assim, o professor deverá considerar o que o aluno possui de conhecimentos prévios e fazer com que o desenvolvimento dos mesmos aconteça continuamente no cotidiano escolar, não podendo só considerar as notas tiradas pelos alunos nos exames e provas, desconsiderando todo o processo de aprendizagem, visto que, tirar uma nota boa em uma prova não significa que o aluno aprendeu de fato tudo que foi desenvolvido no contexto escolar.

Portanto, os conteúdos devem ser trabalhados de forma sistematizada, por meio do estabelecimento de níveis de aprendizagem e avaliações apropriadas às necessidades dos alunos, considerando dessa forma a heterogeneidade existente dentro da sala de aula.

No entanto, antes de adentrarmos mais a fundo sobre o processo de avaliação é de fundamental importância abordamos aqui sobre currículo, considerando que a avaliação é um de seus componentes.

O currículo é o referencial para a organização e a estruturação no desenvolvimento de todo o trabalho pedagógico dos professores e da escola no processo de formação dos alunos. Nele estão as propostas educacionais a serem desenvolvidas no contexto escolar, ou seja, no currículo estão os conhecimentos (conteúdos) selecionados e sistematizados, em um determinado tempo histórico. Ele não é um instrumento neutro ou passivo, uma vez que estabelece intenções ideológicas, sociais e culturais da escola para a formação dos estudantes.

Segundo Moreira (2009, p. 5) o currículo é:

O coração da instituição”, pois é ele quem determina como as “coisas acontecem” no cotidiano da escola de forma explícita ou implícita. Daí a necessidade de contínuas reflexões “[...] sobre o currículo, que nos permitam avançar na compreensão do processo curricular e das relações entre o conhecimento escolar, a sociedade, a cultura, a autoformação individual e o momento histórico em que estamos situados.

Deste modo, o currículo está ligado as práticas escolares, ou seja, as questões “o que ensinar”, “como e quando ensinar” e “como avaliar”. O professor tem que ter claro ao planejar suas aulas qual objetivo pretendido ao ensinar determinado conteúdo, pois, tudo que é ensinado tem uma intencionalidade ao ensinar, por isso é de suma importância a escolha dos conteúdos e também as estratégias de ensino e as metodologias utilizadas na prática pedagógica, levando em conta as especificidades dos alunos, suas experiências sociais e culturais. E, por fim, avaliar todo o processo de ensino para saber se os objetivos pretendidos foram ou não alcançados.

Mas, então qual a relação entre a avaliação da aprendizagem na organização do ensino em ciclos sobre os alunos que chegam ao 3º do Ensino Fundamental com déficit de aprendizagem? Pois, mesmo tendo os discentes agora mais tempo para desenvolverem as competências e habilidades nota-se que está havendo um distanciamento entre o que é proposto e o que está sendo efetivamente alcançado pela escola.

Desta forma, podemos entender então, que isso contraria umas das finalidades da implementação do ensino em ciclos que é a continuidade da aprendizagem, visto que se chegam alunos sem nenhuma base no terceiro ano, então não está havendo continuidade das aprendizagens e, considerando que o objetivo do 3º ano é a consolidação da alfabetização.

**O ciclo de alfabetização, no âmbito da avaliação, e a relação sobre os alunos que chegam ao 3º ano com déficit de aprendizagem, em uma escola no município de Arapiraca/AL**



Esta última seção apresenta a pesquisa de campo realizada em uma escola da rede pública do município de Arapiraca/AL. Utilizamos uma entrevista semiestruturada com duas professoras e com a Coordenadora Pedagógica da referida escola. Uma das docentes tem 37 anos, exerce a função de professora há 18 anos, formada no magistério, com graduação em matemática e pós-graduação em psicopedagogia. A outra tem 52 anos de idade, há 32 exerce a função de professora, formada no magistério, com graduação em pedagogia e pós-graduação em psicopedagogia. Já a coordenadora tem 46 anos de idade, com graduação em pedagogia e pós-graduação em psicopedagogia.

Com o objetivo de preservar a identidade das entrevistadas utilizamos na pesquisa códigos para identifica-las, nesse sentido, denominamos a primeira professora com 37 anos de P1 e a segunda com 52 anos de P2 e, a Coordenadora Pedagógica pela sigla CP.

Partindo dos objetivos da pesquisa e de suas suposições, os dados coletados durante a entrevista realizada com as duas professoras, serão analisados e discutidos de acordo com os seguintes eixos temáticos: O ciclo de alfabetização e seus objetivos e; A prática das docentes frente a avaliação da aprendizagem no ciclo de alfabetização.

### **O ciclo de alfabetização e seus objetivos – pesquisa com as professoras e coordenadora**

O ciclo de alfabetização corresponde aos três anos iniciais do Ensino Fundamental, no qual, devem ser considerados um bloco pedagógico ou ciclo sequencial de ensino não podendo haver retenção no 1º e 2º ano, mesmo quando a rede de ensino ou a escola fizerem a opção pelo regime seriado. Uma vez que, a complexidade do processo de alfabetização requer a continuidade do aprendizado, respeitado deste modo, os diferentes tempos de desenvolvimento dos alunos de seis a oito anos de idade.

Nesse contexto e, tendo em vista que no 3º ano deve acontecer a consolidação da alfabetização, perguntamos as docentes tomando como base suas experiências em turmas do 3º ano, se elas acham que os alunos estão chegando com déficit de aprendizagem, ou seja, sem os conhecimentos básicos a essa etapa de ensino e, se sim, porque as mesmas acham que isso acontece.

Estão, muitos alunos ainda estão que é como eu falei no início, se a gente não souber trabalhar a dificuldade do nosso aluno, a gente não vai fazer com que ele chegue ao 3º ano com as habilidades para aquele ano não. Então, ele tem que ser bem trabalhado no 1º e bem trabalhado no 2º para que ele chegue no 3º ano. Eu digo para você a minha outra turma ela também foi acompanhada por mim, e os alunos que foram meus, que vieram desde os primeiros anos comigo eu sabia que eles sabiam, já vieram outros que não sabiam fazer o nome, não conheciam o alfabeto. Então é esse o cuidado que devemos ter antes (P1, 2016).

Não são todos os alunos que chegam com esse déficit de aprendizagem, não são a maioria. Graças a Deus! Eu nunca peguei uma turma na maioria com déficit, mas, já peguei assim, 34 alunos e 12 alunos com déficit. Porque não foram alfabetizados e a família também não contribui, porque a família também é primordial (P2, 2016).

Assim sendo, ao analisarmos as falas das professoras elas confirmam o que já mencionamos anteriormente nesta pesquisa ao relatarmos que existem alunos que chegam ao 3º ano com déficit de aprendizagem, ou seja, alguns discentes estão chegando muito aquém do desejável a esta etapa de ensino que é o último ano do ciclo de alfabetização, que, por conseguinte deveria ser a consolidação de tudo que foi desenvolvido nos anos anteriores.

A docente P1 atribui este problema ao fato de o professor não saber trabalhar as dificuldades dos alunos, pois, o aluno ele precisa ser bem acompanhado durante todo o processo de desenvolvimento. Sendo que, a docente P2 responsabiliza também a família por não colaborarem com a aprendizagem dos filhos, por considerar a mesma como fundamental nesse processo e não só o professor.

Perguntadas então sobre qual ou quais são as suas maiores dificuldades no início e decorrer do 3º ano ao ensinar aos alunos? A maior dificuldade apontada por ambas as docentes no 3º ano é justamente o trabalho com a heterogeneidade (diversidade) na sala de aula, visto que como há alunos aquém do nível de aprendizagem para o determinado ano letivo, ou seja, com déficit de aprendizagem, há uma dificuldade em as professoras trabalharem com todos os níveis ao mesmo tempo.

Ainda nessa perspectiva, as duas professoras foram indagadas se na opinião delas quais seriam as vantagens e desvantagens em a escola adotar os ciclos nessa primeira etapa (1º ao 3º ano) ou para elas não tinham nenhuma vantagem ou desvantagem.

As mesmas responderam o seguinte:

Olha só, a vantagem é que o aluno ele está em aprendizagem continua, então ela vai sempre, terminou o 1º ano ele vai para o 2º, vai para o 3º. A desvantagem é, a gente sabe que os alunos não aprendem do mesmo jeito, então quando tem um aluno que não conseguiu alcançar aquelas habilidades, aqueles objetivos traçados, a tendência é, se a gente não tiver cuidado esse aluno vai ficando atrás, aquém dos outros. Então, o professor ele tem que ficar muito ligado nisso aí, se o aluno não conseguiu alcançar os objetivos para o 1º ano e ele não foi retido porque ele não pode ser retido, então o professor tem que ficar atento, então, a desvantagem que eu acho é essa (P1, 2016).

A vantagem que eu vejo dos ciclos é que houve menos reprovação e menos desistência. Antes quando uma criança era reprovada, mais um ano reprovada ela não queria seguir né, e hoje com esse ciclo ele dá um empurrãozinho. E a desvantagem é que eles passam para a outra série sem aprender. E chegam na outra série o professor não segue a mesma linha do outro, não se preocupa, isso acontece. E o aluno chega no outro ano sem aprender e o professor não está nem aí e segue adiante e vai jogando a bola para o outro. Não são todos, mas tem uns que fazem isso, e assim, a gente ver alunos no 8º e 9º ano, sem saber ler e sem saber escrever (P2, 2016).

Observamos que as duas docentes têm a mesma concepção ao falarem das vantagens em a escola aderir os ciclos. P1 relatou a importância de os ciclos propiciar a continuidade do processo formativo de aprendizagem do aluno, no qual, Joana faz menção neste contexto ao se referir a diminuição de reprovações e desistências dos educandos na escola.

Já no que diz respeito as desvantagens, P1 faz referência quanto ao desenvolvimento dos alunos que não acontecem da mesma forma, ou seja, nem todos conseguem desenvolverem todas as competências e habilidades exigidas naquela determinada etapa por igual, visto que o ensino em ciclos proporciona mesmo essa heterogeneidade na sala de aula, assim, devendo o professor estar sempre atento a este aspecto, sobre os alunos que não alcançarem os objetivos pretendidos e não adquirir as aprendizagens necessárias para prosseguir a continuidade dos estudos no ano seguinte.

Foi o que relatou P2 sobre as desvantagens de se aderir aos ciclos, de os alunos irem para o ano seguinte sem aprenderem, além disso, a mesma faz menção a falta de compromisso por parte de alguns professores por não darem continuidade ao trabalho que vinha sendo desenvolvido pelos colegas no ano anterior, ou seja, de não propiciar aos alunos a continuidade de suas aprendizagens deixando a responsabilidade para o docente do último ano do ciclo.

Continuando ainda nessa perspectiva, considerando a concepção e objetivos dos ciclos, como também, as vantagens e desvantagens de as escolares aderirem a essa forma de ensino, fizemos o seguinte questionamento a coordenadora: Considerando então os objetivos da implementação do ciclo de alfabetização, você considera que eles estão sendo atingidos? Se sim ou não, porquê?

Não, não estão sendo atingidos ainda, porque assim, a gente sabe que são várias coisas que influenciam, como a família também, a desestrutura familiar, a falta de acompanhamento da própria família na escola. É o desinteresse mesmo de ter a escola como objetivo de aprender realmente, porque muitos buscam vim a escola só por conta de bolsas, bolsa família, etc. E, também o professor né! Que ele também precisa estar preparado, formado para também da conta do recado (CP, 2016).

A mesma atribui a responsabilidade de ainda os objetivos de os ciclos não estarem sendo alcançados a um conjunto de fatores, dentre eles a falta de compromisso da família e de preparo de alguns professores, etc.

Após conhecermos a concepção das entrevistadas sobre o ciclo de alfabetização e também suas respectivas opiniões sobre os pontos positivo e negativos a respeito da adesão do mesmo, assim, como se os objetivos pretendidos estão sendo alcançados, falaremos a seguir sobre as diferenças existentes na avaliação da aprendizagem entre o ensino seriado e o ciclo de alfabetização segundo as entrevistadas, assim como as maiores dificuldades enfrentadas por elas frente a essa nova concepção e prática de avaliação presente no ciclo de alfabetização e, sobre suas práticas pedagógicas frente a avaliação da aprendizagem.

### **A prática das docentes frente a avaliação da aprendizagem no ciclo de alfabetização – pesquisa com as professoras e coordenadora**

Na perspectiva dos ciclos a avaliação da aprendizagem que antes era só a somativa passou a ser substituída por outras modalidades de avaliação, como a diagnóstica, contínua e formativa, isto é, no ensino por ciclos os professores passaram a se utilizarem de outros instrumentos de avaliação e não só da prova, provocando deste modo, mudanças nas práticas avaliativas entre os docentes.

Entendemos que o objetivo da avaliação é, além de o professor saber se os objetivos pretendidos estão ou não sendo alcançados pelos estudantes, para o professor se utilizar dos resultados e refletir sobre sua prática pedagógica, e desta forma poder alcançar os objetivos desejados no decorrer do processo ensino-aprendizagem.

Essa nova forma de organização do ensino nos três primeiros anos do ensino fundamental é chamada bloco pedagógico ou ciclo sequencial de ensino. As docentes então foram indagadas sobre no que se diferencia a concepção e prática de avaliação da aprendizagem do ciclo de alfabetização da do ensino seriado? As mesmas responderem que:

No ensino seriado o aluno repete se ele não alcançar os objetivos e no ensino por ciclo ele avança. O único ano que ele pode ser retido é o 3º ano, sendo que a gente tem que buscar todas as alternativas possíveis para que ele consiga alcançar os objetivos para que ele não seja retido, mas, em último caso ele é retido. Então, a diferença é essa, é que a gente tem que buscar todas as formas para fazer o aluno aprender, não que no ensino seriado não seja também, que a gente não tenha que buscar, a gente tem que buscar também. Só que existe aquilo ali, o professor ah! Ele pode reprovar, então ele não conseguiu isso eu vou deixa-lo e no ensino por ciclo não ele vai avançar, só que o professor vai ter que consolidar os objetivos (P1, 2016).

Ah! A diferença é grande, porque antes a avaliação era feita exclusivamente através de uma prova. E hoje não, a gente avalia no dia-a-dia, a gente avalia o comportamento da criança, avalia o desenvolvimento daquela criança de como ela quer aprender, como ela chega até a gente pedindo ajuda. Tudo isso a gente avalia (P2, 2016).

A docente P1 ressaltou a questão da reprovação e a não reprovação do aluno como sendo a grande dicotomia entre as duas formas de ensino, uma vez, que na escola seriada o aluno é retido se o professor verificar que ele não alcançou os objetivos traçados, ao contrário da escola em ciclos que o discente tem mais tempo para se desenvolver.

Observamos, que ela cita também a mudança na prática pedagógica ao dizer que antes não se tinha a preocupação se o aluno iria ou não ser reprovado, diferente de hoje em que o professor deve propiciar todos os meios possíveis para que a aprendizagem aconteça e não ocorra a retenção do aluno. Ou seja, a responsabilidade do professor aumentou mais, ao passo que agora a maior responsabilidade pela aprendizagem do aluno não é mais dele como antigamente, quando se tinha a concepção de que se fosse reprovado era por incompetência dele. O professor é considerado o grande responsável pela sua aprendizagem.

Já na fala da professora P2, observamos que ela destacou a mudança com relação à modalidade de avaliação e, por conseguinte, os instrumentos de avaliação utilizados hoje por eles no ensino em ciclos como sendo o diferencial. Como a diagnóstica e a formativa e, não a avaliação somativa que é classificatória, e conseqüentemente de outras ferramentas e não só a prova.

Observamos, assim, que as duas falas se complementam. Considerando que, a avaliação formativa requer mais cuidado e trabalho por parte do professor, ao ter que acompanhar durante todo o processo o desenvolvimento dos alunos e ao mesmo tempo desenvolver meios para superar as dificuldades enfrentadas durante o processo ensino-aprendizagem visando a aprendizagem dos mesmos, somado ainda à heterogeneidade em sala de aula já mencionada anteriormente pelas docentes e que já é reflexo também dessa forma de organização nos três primeiros anos, ou seja, do ciclo de alfabetização.

Desse modo, perguntamos para cada uma das professoras entrevistadas o seguinte: O que você faz com os resultados das avaliações, você os utiliza de alguma forma? Se sim, como e para quê?

Sim, eu mesma utilizo sim, porque a partir do momento que eu faço uma sondagem eu vejo qual é a dificuldade que o meu aluno tem, então eu trabalho com ele em

cima daquela dificuldade que ele tem. Para isso servem as minhas sondagens, as minhas avaliações (P1, 2016).

Sim, os resultados das avaliações eu uso elas como atividades e vou revisando o que eles acertaram, o que não acertaram, enfim a gente torna em uma nova aprendizagem com o resultado daquela avaliação (P2, 2016).

Ambas as docentes nos responderam que sim, ressaltando que usam os resultados para identificar quais as dificuldades que o aluno tem, para então, trabalhar em cima dessas dificuldades afim de saná-las. Ou seja, vemos assim que ambas utilizam a avaliação formativa, pois, avaliam durante todo o processo de ensino-aprendizagem e procuram através dos resultados dessas avaliações ir trabalhando com os alunos aquilo que precisa.

Ainda no contexto da prática de avaliação da aprendizagem no ciclo de alfabetização, procuramos saber da Coordenadora Pedagógica, qual(is) a(s) maior(es) dificuldade(s) enfrentadas pelos professores frente a essa nova concepção e prática de avaliação presente nessa etapa (1º ao 3º) que agora é considerada um ciclo e, ela nos respondeu que:

As maiores dificuldades são às vezes a resistência, a falta de entendimento não só pelos professores, mas também pela família, em não considerar que esse aluno ele possa avançar durante esses três anos e querer a retenção dele no primeiro ano e no segundo, onde não é possível. E assim, eles acham que aquele aluno não está apto para ir para o outro ano. No entanto, é um ciclo onde ele vai amadurecendo, aprendendo durante aquele período e chega ao final do ciclo com o esforço do professor e da família a conseguir esse objetivo que é o aluno aprender a ler e escrever (CP, 2016).

Percebe-se em sua resposta que as maiores dificuldades enfrentadas é a falta de compreensão (aceitação) tanto por parte dos professores como também da família, devido muitos terem ainda a concepção que é através da reprovação que se vai garantir uma educação de qualidade, pois, não entendem que todos têm tempos diferentes de desenvolverem as aprendizagens. Em outras palavras, ela atribui à falta de conhecimento e entendimento por parte de alguns professores e familiares acerca do que se trata o ciclo de alfabetização e de quais são os seus objetivos.

## **Conclusão**

A partir do estudo realizado e, diante da análise das falas das entrevistadas acerca da avaliação da aprendizagem na organização do ensino em ciclos, mais precisamente no que se refere

ao ciclo de alfabetização, procuramos responder ao seguinte problema: Qual a relação entre a avaliação da aprendizagem na organização do ensino em ciclos, mais especificamente no ciclo de alfabetização, sobre os alunos que chegam ao 3º do Ensino Fundamental com déficit de aprendizagem?

Segundo a experiência das docentes no início do trabalho com turmas de 3º ano há alunos com níveis de aprendizagem muito aquém para a etapa em que se encontram, o que confirma que há alguns docentes que não seguem a avaliação formativa, pelo menos da maneira adequada para prevenir tal fato. E, mesmo as docentes entrevistadas seguindo essa avaliação formativa a mesma não consegue atingir os objetivos pretendidos devido a fatores externos que dificultam esse processo avaliativo.

Por essa nova forma de avaliar ser mais complexa e flexível, exige mais trabalho e cuidado por parte dos professores, porque como é um processo, ou seja, por a avaliação no ciclo de alfabetização ser processual e formativa necessita ter o cuidado de estar acompanhando todo o processo de aprendizagem através da avaliação para fazer com que os alunos se desenvolvam. Para não acabar acontecendo como muitas vezes ocorre, que é digamos o professor passar a responsabilidade de alfabetizar só para o colega do ano seguinte, que foi o que destacou uma das docentes sobre este fato.

No entanto, além deste fato, ou seja, de a avaliação ser mais complexa e flexível, as docentes também destacam outros fatores que contribuem para esse déficit de aprendizagem e que dificultam o próprio processo de avaliação formativa (processual). Dentre eles, as salas superlotadas e a heterogeneidade na sala de aula, este que é também um fator natural que ocorrer independentemente de o ensino ser seriado ou não.

Sendo assim, como a responsabilidade maior recai sobre o professor, isso requer uma estrutura que possibilite que os objetivos do ciclo de alfabetização sejam alcançados, porque não basta que a avaliação e a ideia sejam boas se não houverem práticas efetivas de apoio à escola e aos professores.

## Referências

BRASIL. Lei 9.394 -**Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Brasília, 1996.

BOAS, Benigna Maria de Freitas Villas. **Séries ou ciclos?** 2013. Disponível em:<<http://gepa-avaliacaoeducacional.com.br/series-ou-ciclos/>> Acesso em: 18 de Jun. 2016, 21:45:06.

MAINARDES, Jefferson. **A escola em ciclos: fundamentos e debates**. São Paulo: Cortez, 2009.



REVEXT

Revista de Extensão da Uneal

ISSN 2447-2751

eduneal

ABEU

Associação Brasileira  
das Editoras Universitárias

Ano 3, Vol. 3, 2017 – Arapiraca – Alagoas:Eduneal, 2017

MOREIRA, Antônio Flávio Barbosa. Currículo: conhecimento e cultura. In: BRASIL. **Salto para o futuro**. Ano XIX, n.1, 2009, p. 4-9.

SILVA, Anuska Andréia de Sousa. O contexto da produção de texto da política dos ciclos no ensino fundamental I da secretaria municipal de educação da cidade de Salvador. In: **Espaço do currículo**. v.7, n.3, p.586-598. UFPE. Setembro a dezembro de 2014. Disponível em: <<http://periodicos.ufpb.br/ojs2/index.php/rec>>. Acesso em: 23 nov. 2015, 10:10:23.

SOUZA, Emerson Lopes Siqueira de. **Escola Seriado X escola organizada em ciclos**: desafios e possibilidades. Monografia apresentada para a banca examinadora do Curso de Especialização em Coordenação Pedagógica. 65p. Brasília. 26 de julho de 2014. Disponível em: <[http://bdm.unb.br/bitstream/10483/9127/1/2014\\_EmersonLopesSiqueiradeSouza.pdf](http://bdm.unb.br/bitstream/10483/9127/1/2014_EmersonLopesSiqueiradeSouza.pdf)>. Acesso em: 10 de ago. 2016, 22:01:23.